

COLM TÓIBÍN

# Brooklyn

*Tradução*  
Rubens Figueiredo

Copyright © 2008 by Colm Tóibín  
Proibida a venda em Portugal

A editora agradece o apoio financeiro para a tradução da Ireland Literature Exchange,  
Dublin, Irlanda.

www.irelandliterature.com  
info@irelandliterature.com

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Brooklyn

*Capa*  
Rita da Costa Aguiar

*Fotos de capa*  
Vista de Nova York © Bettmann/ Corbis (DC)/ LatinStock, agosto de 1958  
Mulher segurando bolsa © PBNJ Productions/ Corbis (DC)/ LatinStock

*Preparação*  
Ciça Caropreso

*Revisão*  
Ana Maria Barbosa  
Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Tóibín, Colm  
Brooklyn / Colm Tóibín ; tradução Rubens Figueiredo. —  
São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Brooklyn.  
ISBN 978-85-359-1828-1

1. Ficção irlandesa I. Título.

11-01172

CDD-ir823 . 9

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura irlandesa ir823 . 9

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

PARTE UM

Eilis Lacey, sentada junto à janela da sala no primeiro andar, na casa da rua Friary, avistou sua irmã andando ligeiro, de volta do trabalho. Observou Rose atravessar a rua e passar do sol para a sombra, levando na mão a bolsa de couro nova que havia comprado na loja Clery's, em Dublin, numa liquidação. Rose tinha um cardigã creme sobre os ombros. Os tacos de golfe dela estavam na entrada; em poucos minutos, Eilis sabia, alguém viria buscar sua irmã e ela só voltaria depois que o dia de verão tivesse escurecido.

Naquela altura, as aulas de contabilidade de Eilis iam chegando ao fim; ela tinha no colo um manual sobre sistemas de contabilidade e na mesa atrás dela havia um livro-razão no qual, a título de dever de casa, ela registrara nas colunas de débito e crédito os negócios diários de uma empresa cujos detalhes havia anotado na escola vocacional na semana anterior.

Na hora em que ouviu a porta da frente abrir, Eilis desceu a escada. Rose, na entrada, segurava seu espelho de bolso diante do rosto. Examinava-se atentamente, enquanto passava o batom e a

sombra nos olhos, antes de dar uma olhada em sua aparência geral no espelho grande da entrada, ao mesmo tempo que ajeitava o cabelo. Eilis observava em silêncio enquanto a irmã umedecia os lábios e depois verificava o estado do rosto com mais cuidado, usando o espelhinho de bolso, antes de deixá-lo de lado.

A mãe delas veio da cozinha.

“Você está um encanto, Rose”, disse. “Vai ser a beldade do clube de golfe.”

“Estou morta de fome”, disse Rose, “mas não tenho tempo para comer nada.”

“Vou fazer um chá especial para você mais tarde”, disse a mãe. “Eilis e eu vamos tomar o nosso agora.”

Rose enfiou a mão na bolsa e tirou sua carteira. Abriu-a e colocou uma moeda de um xelim na prateleira da entrada. “Para o caso de você querer ir ao cinema”, disse a Eilis.

“E quanto a mim?”, perguntou a mãe.

“Ela conta a história para você quando voltar”, respondeu Rose.

“Muito bonito falar uma coisa dessas!”, disse a mãe.

As três estavam rindo, quando ouviram o barulho de um carro parando diante da casa e uma buzina. Rose pegou os tacos de golfe e foi embora.

Mais tarde, enquanto a mãe lavava os pratos e Eilis enxugava, bateram na porta outra vez. Quando Eilis foi atender, viu uma garota que ela conhecia da mercearia da Kelly, ao lado da catedral.

“A senhorita Kelly me mandou trazer um recado”, disse a garota. “Ela quer falar com você.”

“É mesmo?”, perguntou Eilis. “E ela disse do que se trata?”

“Não. É só para você dar um pulo lá hoje à noite.”

“Mas por que ela quer falar comigo?”

“Puxa, não sei, senhorita. Não perguntei para ela. Quer que volte lá e pergunte?”

“Não. Tudo bem. Mas tem certeza de que o recado é para mim mesmo?”

“Tenho sim, senhorita. Ela diz que você precisa ir à casa dela.”

Como já havia resolvido que iria ao cinema numa outra noite e como já estava cansada do seu livro-razão, Eilis trocou de vestido, pôs um cardigã e saiu. Seguiu pela rua Friary e pela Rafter até a Market Square e depois subiu o morro até a catedral. A loja da srta. Kelly estava fechada, portanto Eilis bateu na porta lateral, que levava ao primeiro andar, onde ela sabia que a srta. Kelly morava. A porta foi aberta pela mocinha que tinha ido à sua casa mais cedo, a qual lhe disse para esperar na entrada.

Eilis ouviu vozes e movimento no andar de cima e depois a mocinha desceu e disse que a srta. Kelly viria falar com ela num instante.

Ela conhecia a srta. Kelly de vista, mas sua mãe não fazia compras na loja dela porque era muito careira. Além do mais, achava que sua mãe não gostava da srta. Kelly, embora não conseguisse imaginar nenhuma razão para isso. Diziam que a srta. Kelly vendia o melhor presunto da cidade e também a melhor manteiga, e diziam que vendia tudo mais fresco, inclusive o creme de leite, mas Eilis achava que nunca havia posto os pés na loja, tinha apenas dado uma olhada de fora, enquanto passava pela rua, e vira a srta. Kelly no balcão.

A srta. Kelly desceu a escada devagar, até o corredor, e acendeu uma luz.

“Então”, disse, e repetiu como se fosse um cumprimento. Ela não sorria.

Eilis estava prestes a explicar que tinha recebido um recado para ir até lá e perguntar educadamente se tinha ido na hora

certa, mas o jeito como a srta. Kelly olhava para ela, de cima a baixo, acabou levando Eilis a achar que era melhor não dizer nada. Por causa da atitude da srta. Kelly, Eilis se perguntou se ela não teria sido ofendida por alguém na cidade e, por engano, pensou que a responsável era ela.

“Então, aí está você”, disse a srta. Kelly.

Eilis percebeu diversos guarda-chuvas pretos encostados na chapeleira da entrada.

“Ouvi dizer que você está sem emprego, mas tem uma tremenda cabeça para números.”

“É mesmo?”

“Ah, a cidade inteira, qualquer pessoa que tenha alguma importância, vem à minha loja e eu ouço de tudo.”

Eilis imaginou se aquilo não seria uma referência às compras constantes que a mãe fazia em outra mercearia, mas não teve certeza. Os óculos de lentes grossas da srta. Kelly dificultavam a interpretação de sua fisionomia.

“Todo domingo ficamos com a loja entupida de gente. Claro, não tem mais nenhuma loja aberta aos domingos. E então recebemos todo tipo de pessoas, boas, más e indiferentes. E, em regra, abro depois da missa das sete, e entre o fim da missa das nove e bem depois do fim da missa das onze a gente não tem espaço nem para se mexer dentro da loja. Tenho a Mary que me ajuda, mas ela é muito lerda, e isso quando está bem, portanto estou à procura de alguém esperto, de alguém capaz de entender o que as pessoas querem e de dar o troco certo. Mas só aos domingos, sabe? No resto da semana, a gente consegue se virar. E você me foi recomendada. Andei perguntando a seu respeito e eu pagaria sete libras e seis *pence* por semana. Isso pode ajudar um pouco sua mãe.”

A srta. Kelly falava, pensou Eilis, como se estivesse contan-

do uma desfeita que havia sofrido, fechando com força a boca entre cada frase.

“Portanto, isso é tudo o que tenho a dizer agora. Pode começar no domingo, mas venha amanhã e aprenda todos os preços, e vamos mostrar a você como usar a balança e o fatiador de frios. Vai ter de prender o cabelo para trás e arranjar um bom jaleco na loja do Dan Bolger ou do Burke O’Leary.”

Eilis já estava guardando a conversa na memória para contar à mãe e a Rose; gostaria de imaginar alguma coisa inteligente para dizer à srta. Kelly sem ser abertamente rude. Em vez disso, ficou calada.

“E então?”, perguntou a srta. Kelly.

Eilis se deu conta de que não podia recusar a proposta. Era melhor do que nada e, no momento, ela não tinha nada.

“Ah, sim, senhorita Kelly”, disse. “Posso começar quando a senhorita quiser.”

“E no domingo você pode ir à missa às sete horas. É o que nós fazemos, e abrimos a loja quando a missa termina.”

“Vai ser ótimo”, disse Eilis.

“Então, passe por aqui amanhã. Se eu estiver ocupada, mande você para casa, ou então você fica enchendo os sacos de açúcar enquanto espera, mas, se eu não estiver ocupada, vou mostrar a você todo o material.”

“Obrigada, senhorita Kelly”, disse Eilis.

“Sua mãe vai ficar contente por você ter um trabalho. E sua irmã”, disse a srta. Kelly. “Ouvi dizer que ela é ótima no golfe. Então vá para casa agora, como uma boa menina. Pode sair.”

A srta. Kelly virou-se e começou a subir a escada lentamente. Enquanto percorria o caminho de volta para casa, Eilis sabia que a mãe de fato ficaria contente por ela ter encontrado um meio de ganhar dinheiro por conta própria, mas que Rose ia achar que trabalhar atrás do balcão de uma mercearia não era bom o



bastante para ela. Eilis ficou pensando se a irmã chegaria a lhe dizer isso diretamente.

No caminho de volta, parou na casa de sua melhor amiga, Nancy Byrne, e viu que Annette O'Brien, amiga das duas, também estava lá. Como a casa dos Byrne tinha apenas um cômodo no térreo, que servia de cozinha, sala de jantar e sala de estar, e como estava claro que Nancy tinha novidades para compartilhar, algumas das quais Annette, pelo visto, já sabia, Nancy usou a chegada de Eilis como pretexto para que todas saíssem e fossem dar uma volta, para assim poderem conversar confidencialmente.

“Aconteceu alguma coisa?”, perguntou Eilis, quando estavam na rua.

“Não fale nada até estarmos a mais de um quilômetro desta casa”, disse Nancy. “Mamãe sabe que tem alguma coisa acontecendo e que não estou contando para ela.”

Desceram o morro Friary, atravessaram a avenida Mill Park até o rio e depois desceram ao longo do calçadão, rumo a Ringwood.

“Ela saiu com George Sheridan”, disse Annette.

“Quando?”, perguntou Eilis.

“No baile do Athenaeum, no domingo à noite”, respondeu Nancy.

“Pensei que você não ia.”

“Eu não ia, mas acabei indo.”

“Ela dançou a noite inteira com ele”, disse Annette.

“Não dancei, não, só dancei as quatro últimas músicas, e depois ele me levou para casa, a pé. Mas todo mundo viu. Estou surpresa de você não saber.”

“E você vai ver o George de novo?”, perguntou Eilis.

“Não sei”, suspirou Nancy. “Pode ser que eu só o veja na rua. Ele passou de carro por mim ontem e buzinou. Se houvesse

qualquer pessoa lá, quer dizer, do tipo dele, ele teria dançado com ela, mas não havia. Ele estava com Jim Farrell, que só ficou parado, olhando para a gente.”

“Se a mãe dele descobrir, nem sei o que vai dizer”, falou Annette. “Ela é terrível. Detesto entrar naquela loja quando o George não está lá. Minha mãe me mandou lá uma vez para pegar duas fatias de bacon e aquela velha disse que não vendia só duas fatias.”

Então Eilis contou a elas que havia recebido uma proposta para trabalhar na mercearia da srta. Kelly todos os domingos.

“Espero que você tenha dito o que ela podia fazer com esse emprego”, disse Nancy.

“Eu disse que aceitava. Não vai fazer mal nenhum. E significa que vou poder ir ao Athenaeum com vocês usando meu próprio dinheiro e evitar que se aproveitem de vocês.”

“Não foi assim”, disse Nancy. “Ele foi gentil.”

“Vai se encontrar com ele de novo?”, repetiu Eilis.

“Você vai comigo no domingo à noite?”, perguntou Nancy. “Pode ser que ele nem esteja lá, mas a Annette não pode ir, e talvez eu precise de apoio, no caso de ele estar lá e não me tirar para dançar ou nem olhar para mim.”

“Talvez eu fique cansada demais depois de ter trabalhado para a senhorita Kelly.”

“Mas você vai lá?”

“Faz séculos que não vou lá”, disse Eilis. “Detesto todos aqueles caras do interior, e os caras da cidade são piores ainda. Andam meio embriagados e só pensam em levar a gente para o beco Tan Yard.”

“O George não é assim”, disse Nancy.

“Ele é metido a besta demais para chegar perto do beco Tan Yard”, disse Annette.

“A gente pode perguntar a ele se não gostaria de vender fatias de bacon duas a duas, no futuro”, disse Eilis.

“Não conte nada a ele”, pediu Nancy. “Você vai mesmo trabalhar para a senhorita Kelly? Essa daí é uma que precisava ser levada para uma rua escura pelos rapazes.”

Durante os dois dias seguintes, a srta. Kelly mostrou a Eilis todas as mercadorias da loja. Quando Eilis pediu um pedaço de papel para anotar as diversas marcas de chá e os diversos tamanhos de embalagens, a srta. Kelly lhe disse que seria perda de tempo ficar anotando as coisas; em vez disso, o melhor era decorar. Cigarros, manteiga, chá, pão, garrafas de leite, pacotes de biscoito, presunto cozido e carne em conserva, de longe os artigos mais populares vendidos aos domingos, disse ela, e depois deles vinham as latas de sardinha e de salmão, latas de laranja em calda, peras e salada de frutas, vidros de patê de frango e de presunto, molho para sanduíche e salada. Ela mostrava a Eilis um exemplo de cada mercadoria antes de lhe dizer o preço. Quando achava que a garota tinha aprendido, passava para outros produtos, como caixas de creme de leite, garrafas de limonada, tomate, alface, frutas frescas e tijolos de sorvete.

“Agora, para a sua informação, há pessoas que vêm aqui no domingo à procura de coisas que deviam ter comprado durante a semana. O que se pode fazer?” A srta. Kelly franziu os lábios em sinal de desaprovação enquanto enumerava numa lista o sabonete, o xampu, o papel higiênico e a pasta de dente, e ia dizendo os diversos preços de tudo aquilo.

Algumas pessoas, acrescentou ela, também compravam sacos de açúcar no domingo, ou sal e até pimenta, mas não era muita gente. E tinha até aqueles que vinham comprar melado, bicarbonato de sódio ou farinha de trigo, porém a maior parte desses produtos era vendida aos sábados.

Havia sempre crianças, disse a srta. Kelly, atrás de barras

de chocolate, bombons, saquinhos de confeitos ou balas gelatinosas em forma de bonequinhos, e também sempre apareciam homens atrás de cigarros e fósforos avulsos, mas Mary cuidava deles, pois ela não era nada boa com pedidos maiores nem para lembrar os preços dos artigos, e também, continuou a srta. Kelly, muitas vezes mais atrapalhava do que ajudava quando havia uma multidão na loja.

“Não tenho como evitar que ela fique com cara de palerma na frente das pessoas por qualquer coisa à toa. E até com alguns dos fregueses mais fiéis.”

A loja, Eilis estava vendo, era muito bem abastecida, tinha diversas marcas de chá, algumas bastante caras, e todas com preços mais altos do que na mercearia Haye’s, na rua Friary, na L&N, na rua Rafter, ou na Sheridan, na Market Square.

“Você vai ter que aprender como embalar o açúcar e embrulhar um pão”, disse a srta. Kelly. “Isso é uma das coisas em que a Mary é boa, que Deus a abençoe.”

Quando os fregueses entravam na loja nos dias em que estava sendo treinada, Eilis notava que a srta. Kelly adotava tons de voz diferentes. Às vezes ela não dizia nada, apenas tensionava a mandíbula e ficava parada atrás do balcão numa postura que sugeria uma profunda desaprovação à presença do freguês na loja e uma impaciência com a demora dele em se retirar. Para outros, sorria de um jeito seco e os observava com uma carrancuda indulgência, aceitando o dinheiro como se fosse um enorme favor. E havia os fregueses a quem ela cumprimentava cordialmente e pelo nome; muitos deles compravam fiado e assim não havia dinheiro vivo passando de uma mão a outra, mas os valores eram anotados num livro-razão, enquanto se faziam perguntas sobre o estado de saúde deles, comentários a respeito do tempo e da qualidade do presunto ou das fatias de bacon, ou da variedade de pães expostos, das broas, do pão com lascas de carne de pato e do pão com groselha.